

com o sentimento, transformando a sua dor muda e inarticulada, do mesmo modo como a troca transforma a ganância crua do desejo e o uso transforma o anseio desesperado da necessidade — até que todos se tornem dignos de adentrar o mundo transformados em coisas, reificados. Em cada caso, uma capacidade humana que, por sua própria natureza, é comunicativa e voltada para o mundo, transcendendo e transfere para o mundo algo muito intenso e veemente que estava aprisionado no ser.

No caso das obras de arte, a reificação é algo mais que mera transformação; é transfiguração, verdadeira metamorfose, como se o curso da natureza, que requer que tudo queime até virar cinzas, fosse invertido de modo que até as cinzas pudessem irromper em chamas.³⁹ As obras de arte são frutos do pensamento, mas nem por isto deixam de ser coisas. O processo de pensar, em si, não é capaz de produzir e fabricar coisas tangíveis como livros, pinturas, esculturas ou partituras musicais, da mesma forma como o uso, em si, é incapaz de produzir e fabricar uma casa ou uma cadeira. Naturalmente, a reificação que ocorre quando se escreve algo, quando se pinta uma imagem ou se modela uma figura ou se compõe uma melodia tem a ver com o pensamento que a precede; mas o que realmente transforma o pensamento em realidade e fabrica as coisas do pensamento é o mesmo artesanato que, com a ajuda do instrumento primordial — a mão do homem — constrói as coisas duráveis do artifício humano.

Dissemos acima que esta reificação, esta materialização, sem a qual nenhum pensamento pode tornar-se coisa tangível, ocorre sempre a um preço, e que o preço é a própria vida: é sempre na «letra morta» que o «espírito vivo» deve sobreviver, um amortecimento do qual ele só escapa quando a letra morta entra novamente em contato com uma vida disposta a ressuscitá-la, ainda que esta ressurreição tenha em comum com todas as coisas vivas o fato de que ela, também, tornará a morrer. Esse amortecimento, porém, embora esteja presente, de certa forma, em toda arte, como que in-

39. Refiro-me no texto a um poema de Rilke sobre a arte que, sob o título de «Mágica», descreve esta transfiguração. Diz o poema: «Aus unbeschreiblicher Verwandlung stammen / solche Gebilde —: Fühl! und glaub! / Wir leidens oft: zu Asche werden Flammen, / doch, in der Kunst: zur Flamme wird der Staub. / Hier ist Magie. In das Bereich des Zaubers / scheint das gemeine Wort hinaufgestuft... / und ist doch wirklich wie der Ruf des Taubers, / der nach der unsichtbaren Taube ruft» (em *Aus Taschen-Büchern und Merk-Blättern* (1950)).

dicando a distância entre a fonte original do pensamento — no coração ou no cérebro do homem — e seu destino final no mundo, varia de uma arte para outra. Na música e na poesia, que são as menos «materialistas» das artes porque seu «material» consiste em sons e palavras, a reificação e o artesanato necessários são mínimos. O jovem poeta e o menino que é um gênio musical podem atingir a perfeição sem muito treino e experiência, fenômeno que dificilmente ocorre na pintura, na escultura ou na arquitetura.

A poesia, cujo material é a linguagem, é talvez a mais humana e a menos mundana das artes, aquela cujo produto final permanece mais próximo do pensamento que o inspirou. A durabilidade de um poema resulta da condensação, de modo que é como se a linguagem falada com extrema densidade fosse poética por si mesma. Na poesia, a recordação, *Mnemosyne*, mãe de todas as musas, é diretamente transformada em memória; o poeta consegue essa transformação através do ritmo, com o qual o poema fixa-se na memória quase que por si mesmo. É esta intimidade com a memória viva que permite que o poema perdure, retenha sua durabilidade fora da página escrita ou impressa; e, embora a «qualidade» de um poema seja medida por vários padrões diferentes, sua «memorabilidade» inevitavelmente determinará sua durabilidade, isto é, a possibilidade de ficar permanentemente fixado na lembrança da humanidade. De todas as coisas do pensamento, a poesia é a que mais se assemelha a este último; e, entre todas as obras de arte, a que menos se assemelha a uma coisa é um poema. No entanto, até mesmo um poema, não importa quanto tempo tenha existido como palavra viva e falada na memória do bardo e dos que o escutaram, terá, mais cedo ou mais tarde, que ser «feito», isto é, escrito e transformado em coisa tangível para habitar entre coisas; pois a memória e o dom de lembrar, dos quais provém todo desejo de imperecibilidade, necessitam de coisas que os façam recordar, para que eles próprios não venham a perecer.⁴⁰

40. A expressão idiomática «fazer um poema» ou *faire des vers*, indicando a atividade do poeta, já se prende a essa reificação. O mesmo se aplica ao alemão *dichten*, que provavelmente deriva do latim *dictare*: «das ausgedachte geistig Geschaffene niederschreiben oder zum Niederschreiben vorsagen» (Grimm, *Wörterbuch*); e também se aplicaria se a palavra derivasse, como sugere agora o *Etymologisches Wörterbuch* (1951) de Kluge/Götze, de *tichen*, antiga palavra que significa *schaffen*, talvez relacionada com o latim *ingere*. Neste caso, a atividade poética que produz o poema antes de que ele seja escrito é também concebida como um processo de «fabricação». Assim é que Demócrito louvava o